

Aprendizagem Intercultural

Coordenação da série:
Sílvia Martinelli, Anne Dussap

Redactores:
Sílvia Martinelli, Mark Taylor

Autores: (ver última página)
Arne Gillert
Mohamed Haji-Kella
Maria de Jesus cascão Guedes
Alexandra Raykova
Cláudia Schachinger
Mark Taylor

Versão Portuguesa:
Ana Albuquerque
Ana Isabel Xavier
Anabela Miguens Antunes
Anabela Moreira
Pedro Carvalhais
Sofia Figueiredo
Design e Capa:
www.emsdesign.net

Conselho Editorial
Bernard Abrignani
Instituto Nacional da Juventude
e da Educação Popular
Elisabeth Hardt
Federação Europeia para a
Aprendizagem Intercultural
Esther Hookway
Lingua Franca

Carol-Ann Morris
Fórum Europeu da Juventude
Heather Roy
Associação Mundial de Guias e
Escuteiras

Secretariado
Sabine van Migen (Assistente Administrativa)
Genevieve Woods (Bibliotecária)

Capa e Spiffy, o Coiote
The Big Family

Edição
Departamento de Pré-publicação do Conselho
da Europa

Agradecimentos especiais:
A Patrick Penninx, por ter coordenado o lançamento desta colecção, feito um acompanhamento permanente e assegurado a ligação com os autores do projecto, de acordo com a parceria.

A Anne Cosgrove e Lena Kalibataite, pela sua contribuição na primeira fase do projecto.

Ao conjunto dos editores e autores que deram a sua autorização para a reprodução dos materiais protegidos pelos direitos de autor.

Por fim, a todas as pessoas que, com as suas competências individuais, em momentos diferentes e de diversas formas, permitiram a concretização dos esforços de todos!

2. Conceitos de aprendizagem intercultural

2.4 A propósito de cultura

2.4.4 A discussão sobre a cultura segundo Jacques Demorgon e Markus Molz

Explicitamente, Jacques Demorgon e Markus Molz (1996) negaram qualquer pretensão de terem introduzido ainda um outro modelo de cultura. A própria natureza da cultura, afirmam eles, faz com que qualquer definição de cultura seja em princípio influenciada pelos *backgrounds* (culturais) daquele que a propõe: ninguém existe



sem cultura. Consequentemente, o seu objectivo era trazer uma contribuição para a análise da discussão e das ilações que daí podemos tirar.

Segundo os autores, as controvérsias que se exprimem na discussão sobre a cultura conduzem a três discussões maiores:

- Como gerir a contradição entre a estabilidade cultural e as estruturas culturais duráveis, por um lado, e o processo de evolução e de inovações culturais, por outro?
- Como gerir as relações entre "cultura" e "inter-cultura": a "cultura" existia antes de se tornar um factor dos encontros interculturais? Ou a cultura não existe senão através das suas interações com outras culturas?
- É preciso enfatizar antes de tudo os aspectos universais de todos os seres humanos (o que todos temos em comum) e conceber os humanos enquanto indivíduos, em que a cultura não é senão um aspecto deste indivíduo e esta cultura enquanto única e global (*perspectiva universalista*)? Ou devemos antes valorizar o papel da cultura, reconhecer a diversidade que prevalece no mundo e conceber então os humanos enquanto membros de um grupo cultural, no qual, em princípio, todas as culturas são igualmente boas (*perspectiva relativista*)?

Estas questões podem parecer muito académicas e sem valor concreto. No entanto, assumem consequências políticas: a mudança é ou não encarada como uma ameaça? (questão 1); a diversidade no seio de um país é encarada como uma condição necessária para a cultura ou como uma ameaça para a cultura "original"? (questão 2); os habitantes de um país são vistos como indivíduos que devem ser tratados de igual forma (modelo francês dos direitos individuais) ou como membros de um grupo que possui os direitos do grupo (modelo germânico de sociedade, composto por grupos diferentes que possuem cada um as suas instituições)? (questão 3).

Para tentar ultrapassar estas contradições, Demorgon e Molz introduziram o que eu chamarei um modelo de cultura. Segundo eles, a cultura não pode ser compreendida a não ser relacionando-a com o conceito de adaptação. Aos seres humanos coloca-se permanentemente o desafio de estabelecer uma relação duradoura entre o seu mundo interior (as suas necessidades, as suas ideias, etc.) e o mundo exterior (o meio ambiente, os outros, etc.). É o que fazem em situações concretas que deveriam formar a base da análise. Em todas as situações os indivíduos influenciam o seu meio ambiente (cada um pode influenciar o que se passa à sua volta) e são influenciados pelo seu meio ambiente (cada um pode mudar de acordo

com o que se passa à sua volta). Estas duas dimensões, no sentido de influenciar e ser influenciado pelo meio ambiente, são duas facetas da "adaptação".

Mais cientificamente, Demorgon e Molz definem uma destas facetas enquanto "assimilação". Por este termo designam o processo segundo o qual os seres humanos adaptam o mundo exterior à sua realidade. Construímos as nossas percepções exteriores nas imagens e nas estruturas já existentes no nosso cérebro. Examinemos um exemplo extremo de assimilação: crianças que brincam. Numa duna de areia (a realidade do mundo exterior) podem ver o Evereste (a sua imaginação). Ao escalam esta duna, assimilaram a realidade da sua própria imaginação; esta interpretação da realidade tornou-se o quadro de referência da sua acção. Eles não estão a tentar escalar uma duna, mas sim o Evereste. Mas as crianças não são as únicas a assimilar. Ao vermos uma pessoa pela primeira vez, criamos uma impressão desta baseada na sua aparência (apresentação exterior). Partindo de poucas informações interpretamos o que ela é – apelando às informações presentes no nosso cérebro, muitas vezes estereotipadas, a fim de saber mais sobre esta pessoa e de decidir qual o comportamento mais adaptado.

A outra faceta do "modelo" de Demorgon e Molz é a "acomodação". Por este termo, designam o processo segundo o qual as estruturas do cérebro (que nomeiam "cognições" ou "esquemas") se modificam em função das informações recebidas do mundo exterior. Assim que encontramos alguém, temos tendência para, num primeiro momento, interpretar o seu comportamento a partir dos nossos estereótipos. Consequentemente, podemos ser levados a constatar que a realidade é diferente, isto é, que os nossos estereótipos ou os nossos esquemas não correspondem à realidade. É esse facto que nos leva a modificá-los. Dito isto, não convém nem uma acomodação extrema nem uma assimilação extrema. No caso de acomodação extrema seríamos submergidos pela massa de informações vinda do exterior, que teríamos de tratar, sobre as quais deveríamos deitar um novo olhar e que nos obrigariam a modificar a nossa forma de pensar. No caso de assimilação extrema, seríamos conduzidos a negar a realidade e no fim não poderíamos sobreviver.

Comparados aos animais, os humanos são geneticamente menos "predeterminados" e menos "predestinados" pela biologia. Consequentemente são imensas as situações nas quais não temos reacções instintivas – ou biologicamente predeterminadas. Falta-nos então desenvolver um sistema que nos

forneça orientações e nos ajude a adaptarmo-nos correctamente a todas estas situações. Este sistema é aquele a que Demorgon e Molz chamam cultura. A função de adaptação consiste em manter ou aumentar a possibilidade de agir de forma apropriada em todas as situações possíveis. A cultura é então a estrutura que nos fornece as orientações necessárias (é preciso compreender isto enquanto estruturas do cérebro que são as bases dos processos de assimilação e de acomodação); é, com efeito, o prolongamento da natureza biológica. A cultura existe precisamente pela necessidade de encontrar orientações nas situações que não estão predestinadas biologicamente.

Se a adaptação consiste em encontrar orientações, ela opera num contexto de oposição entre assimilação e acomodação. Por um lado, temos necessidade de desenvolver estruturas estáveis e modelos comportamentais generalizáveis e aplicáveis a todas as situações na medida em que não podemos partir sempre do zero (com um cérebro vazio). Neste modo de assimilação, a cultura é um tipo de lógica mental, como sugeriu Hofstede, que nos permite tratar todas as informações acessíveis no mundo exterior.

Mas, tal como sublinham Demorgon e Molz, se a cultura não fosse uma lógica mental programada

no cérebro dos humanos desde a mais tenra idade, então não nos poderíamos adaptar a novas circunstâncias e, consequentemente, modificar as nossas orientações. Os humanos têm necessidade da capacidade de adaptação para mudar as suas orientações e os seus quadros de referência e, assim, assegurar a sua sobrevivência.

O comportamento adoptado em todas as situações também é quase sempre, por um lado, uma mistura entre a repetição de um conjunto de actos aprendidos, apropriados e culturalmente orientados e, por outro, o ajustamento prudente a uma dada situação.

Numa tal situação, dispomos à partida de uma panóplia de opções comportamentais que se situam entre dois pólos opostos: podemos agir rapidamente mas sem informações aprofundadas; ou ser informados mas agir mais lentamente. Podemos concentrar-nos num aspecto da situação ou dispersar a nossa atenção com tudo o que se passa à nossa volta. Podemos comunicar explicitamente (com explicações muito precisas), ou implicitamente (com muitos símbolos). Se compreendemos que uma situação nos oferece centenas de possibilidades entre dois extremos, devemos no momento decidir qual escolher (fig. 3).

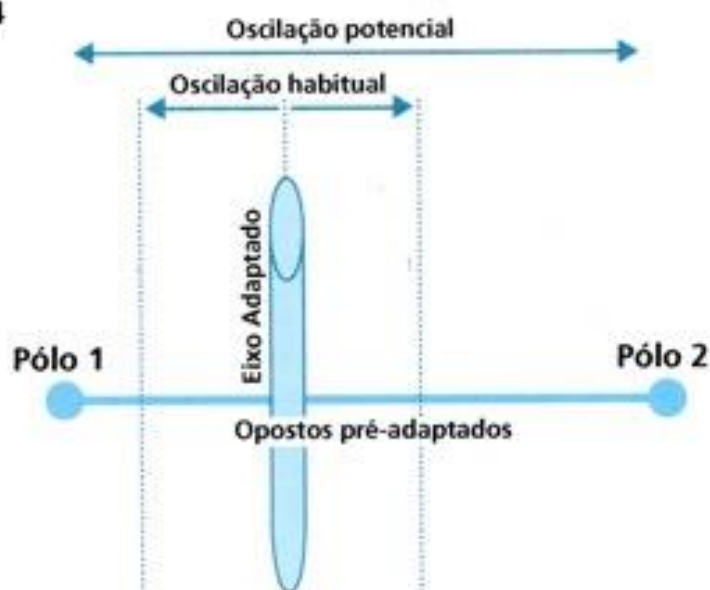
Fig. 3: Opostos pré-adaptados escolhidos e respectiva oscilação



Fonte: pág. 54, Thomas, Alexander (ed) (1996) *Psychologie interkulturellen Handelns*, Göttingen: Hogrefe. Chapter by J. Demorgon and M. Molz 'Bedingungen und Auswirkungen der Analyse von Kultur(en) und interkulturellen Interaktionen'. Versão adaptada.



Fig. 4



Fontes: pág. 55, Thomas, Alexander (ed) [1996] *Psychologie interkulturellen Handelns*, Göttingen: Hogrefe. Chapter por J. Demargon e M. Molz 'Bedingungen und Auswirkungen der Analyse von Kultur(en) und Interkulturellen Interaktionen'.

Podemos representar estes opostos como dois polos de uma mesma linha (ver esquema 4). A linha completa esquematiza o conjunto do potencial comportamental. A orientação cultural, segundo Demargon e Molz, consiste em reduzir o potencial significado por esta linha a um raio de acção mais restrito. Imagine que os dois pontos que existem sobre esta linha estão numerados de 1 a 10 (1 e 10 situam-se nos dois extremos). A orientação cultural vai então situar o comportamento apropriado no ponto 3, por exemplo. Enquanto seres culturais, vamos considerar este ponto como referência e escolher o comportamento mais adaptado à volta deste ponto. No exemplo aqui ilustrado, diríamos que, geralmente, optamos por soluções entre os pontos 2 e 4.

Aplicamos este princípio à comunicação, por exemplo. Vem de um lugar onde os indivíduos comunicam de forma muito implícita (evitando longas explicações e referindo-se muito implicitamente ao contexto, quer dizer, "ao que todos sabem"). A comunicação geralmente considerada apropriada, "normal", é muito implícita. Serve-se então deste ponto de partida para desenvolver um registo corrente. Por outras palavras, vai comunicar

um pouco mais ou um pouco menos implicitamente consoante as situações, mas jamais de forma muito explícita. É apenas depois de aprender, ao experimentar nas quais o seu registo de comportamentos não convém, que vai alargar e desenvolver o potencial para comunicar de maneira explícita - mesmo que tal continue a parecer-lhe estranho.

A cultura diz respeito à tomada de decisões apropriadas entre dois extremos em modos de adaptação. Uma orientação cultural indica de maneira abstracta o que para um grupo correspondeu a um comportamento adaptado no passado. As variações à volta desta orientação, do que é considerado apropriado, serão toleradas: trata-se de desvios "normais", de adaptações normais às situações. Qualquer comportamento que se situe fora deste raio é considerado desviante, errado, anormal.

As culturas podem mudar: desde que o campo à volta de uma certa orientação se desenvolva numa direcção, desde que o comportamento dos indivíduos que formam esta cultura se oriente sistematicamente para um lado, a orientação original vai então progressivamente evoluir neste sentido.

A cultura segundo este conceito é independente da nação. Diz respeito essencialmente à orientação de grupos de indivíduos. Por exemplo, a orientação é dada pela família, pelos amigos, pela língua, o lugar onde se vive e o envolvimento afectivo e profissional. Na base de todos estes elementos podemos identificar grupos que partilham algumas orientações ou culturas. Segundo o contexto, os indivíduos vão ter regras diferentes e diferentes raios de acção à volta dessas regras. Por exemplo, pode comunicar mais ou menos explicitamente no seu local de trabalho e mais ou menos implicitamente quando está em família. Mas, se existe um terreno comum entre o trabalho e a família, os seus dois raios de acção vão então estar muito próximos e evoluir para uma dimensão mais ampla.

Na aprendizagem intercultural, os indivíduos tomam consciência da sua orientação cultural assim que são confrontados com normas diferentes. Porque devem viver com dois tipos de orientações, os indivíduos vão então ampliar a variedade dos seus comportamentos e dos seus hábitos de maneira a englobar as duas orientações culturais. Segundo as situações, vão dispor à partida de mais opções. Em princípio, quanto mais extensa é esta gama, mais numerosas são as possibilidades de acomodação e de adaptação ao mundo exterior. Mais paralelamente quanto, mais ampla é esta gama, maior é a insegurança: as opções mais numerosas criam situações menos estáveis.

Os mediadores culturais podem precisamente ser pessoas que tenham desenvolvido uma variedade de comportamentos que englobem as diversidades culturais das duas partes o que lhe permite encontrar um "ponto de encontro" entre os comportamentos considerados apropriados.

As teorias desenvolvidas por Demorgon e Molz a respeito da cultura conheceram muitos seguidores, porque combinam vários tipos de perspectivas e de modelos a respeito da cultura. Por outro lado, este modelo é puramente teórico e presta-se muito pouco a uma investigação empírica. É possível verificar se o seu modelo reflecte a realidade? Qualquer que seja, o melhor teste consiste em avaliar a eficácia do modelo, tratando-se de nos ajudar a compreender e a interpretar os encontros interculturais.

Relevância para o trabalho com jovens

O modelo de Demorgon e Molz permite compreender melhor a necessidade e a função da cultura. Para além disso, este associa a cultura enquanto conceito a grupos de indivíduos a todos os níveis e não só às sociedades isoladas.

No trabalho com os jovens, este modelo, pela sua complexidade, responde às exigências das questões complexas que são colocadas e perspectiva uma nova via de reflexão.

De um ponto de vista prático, o modelo permite compreender em que consiste a aprendizagem intercultural: aprender a conhecer-se, a ampliar as suas próprias possibilidades de acção e a sua margem de manobra nas diversas situações. Liga claramente a aprendizagem com a experiência e sublinha que esta aprendizagem é um verdadeiro desafio porque está ligada a uma das necessidades fundamentais da existência humana: a orientação.

Bibliographie

- Complexité des cultures et de l'interculturel. Contre les pensées uniques*, Economica, 5^e édition, 2015.
- Déjouer l'inhumain. Avec Edgar Morin*. Préf. J. Cortès. Paris : Economica, 2010.
- Le Vénérable et le Philosophe. Franc-maçonnerie et mondialité*, avec Jean Moreau. Paris : Detrad aVs, 2008.
- Les sports dans le devenir des sociétés. Médiations et Médias*. Paris : L'Harmattan, 2005.
- Critique de l'interculturel. L'horizon de la sociologie*, 2005.
- Dynamiques interculturelles pour l'Europe*, 2003.
- L'histoire interculturelle des sociétés. Une information monde*, 2^e édition 2002.
- L'interculturalisation du monde*, 2000.
- Demorgon J. & Molz M., 1995, *Bedingungen und Auswirkungen der Analyse von Kultur(en) und interkulturellen Interaktionen*, 46 p. In Thomas A. (Hrsg.), *Psychologie interkulturellen Handelns*, Göttingen : Hogrefe.
- Molz M., Universität Regensburg, 1994.
- Die multiperspektivische Theorie von Kultur von J. Demorgon.*
- Analyse Kultureller Orientierungen im deutsch-französischen Dialog*.